

AS CONTRIBUIÇÕES DAS ARTES VISUAIS NA ALFABETIZAÇÃO: O DESENHO COMO PRECURSOR DA ESCRITA

THE CONTRIBUTIONS OF VISUAL ARTS IN LITERACY: DRAWING AS A PRECURSOR OF WRITING

Emanuela Nunes de Oliveira Silva¹Fabiana Vigo Azevedo Borges²

RESUMO

A apropriação do sistema de escrita alfabética e a construção dos saberes em leitura e escrita ocorrem por meio de um trabalho pedagógico contínuo, planejado e motivante, visando atender as necessidades de cada aluno. Sabe-se que a competência leitora e escrita é consolidada nos anos iniciais do Ensino Fundamental, mas é indispensável que o aluno durante suas vivências na Educação Infantil desenvolva habilidades preditoras da alfabetização, o que se torna possível por meio do trabalho com os campos de experiência. Assim, ressalta-se a importância da inserção das crianças no ambiente alfabetizador desde a primeira etapa da educação básica. Dentre tantas estratégias para estimular a futura aquisição da escrita, destaca-se o papel do desenho na Educação Infantil, dessa forma, esse estudo objetiva a análise da percepção de duas docentes da pré-escola, sobre a influência do desenho no desenvolvimento da competência leitora e escrita, considerando a análise da experiência prática. Dessa maneira, por meio da pesquisa de campo, foi possível compreender que o desenho é capaz de estimular os alunos a desenvolver suas habilidades motoras para manipular diferentes objetos e permitir a precisão dos traçados manuais; bem como organizar e estimular algumas funções executivas, despertando a imaginação e consequentemente a criatividade, contribuindo assim para ampliação do repertório do sujeito através da livre expressão. O reconhecimento, diferenciação, comparação, percepção espacial e também habilidades socioemocionais, são habilidades contempladas com o uso das artes visuais e interferem diretamente na construção do sujeito alfabético. Sendo assim, o estudo foi constituído pela coleta de dados por meio de pesquisa de campo, composta por uma entrevista contendo 20 questões, sendo essa pautado no levantamento de dados sobre a formação acadêmica, as experiências no trabalho com a educação infantil (com exemplificações de práticas direcionadas que compõe a ação pedagógica) e as percepções no que diz respeito à relação entre o desenho como precursor da escrita na percepção das docentes. Os dados coletados foram analisados de forma reflexiva em paralelo com o referencial teórico e sistematizados posteriormente verificando a proposta de estudo.

Palavras-chave: Alfabetização. Artes Visuais. Práticas Pedagógicas. Educação Infantil. Habilidades preditoras.

ABSTRACT

The appropriation of the alphabetic writing system and the construction of knowledge in reading and writing occur through continuous, planned and motivating pedagogical work, aiming to meet the needs of each student. It is known that reading and writing competence is consolidated in the early years of Elementary School, but it is essential that the student during their experiences in Early Childhood Education develop skills that predict literacy, which becomes possible through work with fields of experience. Thus, the importance of including

¹ Graduanda em Pedagogia no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: manununes38@hotmail.com.

² Professora Doutora no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: fabianavigo@hotmail.com.



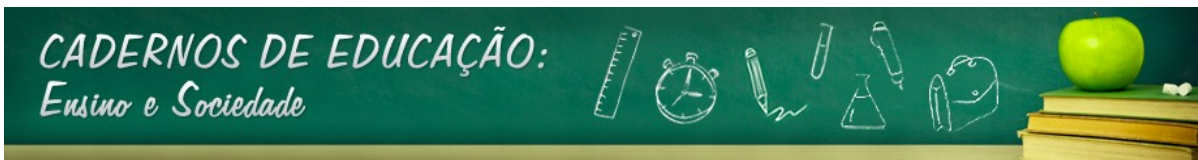
children in the literacy environment from the first stage of basic education is highlighted. Among so many strategies to stimulate the future acquisition of writing, the role of drawing in Early Childhood Education stands out. Therefore, this study aims to analyze the perception of two preschool teachers on the influence of drawing on the development of reading competence and writing, considering the analysis of practical experience. In this way, through field research, it was possible to understand that drawing is capable of encouraging students to develop their motor skills to manipulate different objects and allow precision in manual tracing; as well as organizing and stimulating some executive functions, awakening the imagination and consequently creativity, thus contributing to expanding the subject's repertoire through free expression. Recognition, differentiation, comparison, spatial perception and also socio-emotional skills are skills covered by the use of visual arts and directly interfere in the construction of the alphabetic subject. Therefore, the study consisted of data collection through field research, consisting of an interview containing 20 questions, which was based on the collection of data on academic training, experiences in working with early childhood education (with examples of targeted practices that make up the pedagogical action) and perceptions regarding the relationship between drawing as a precursor to writing in the teachers' perception. The data collected was analyzed reflexively in parallel with the theoretical framework and systematized later, verifying the study proposal.

Keywords: Literacy. Visual arts. Pedagogical practices. Child education. Predictive skills.

INTRODUÇÃO

Os desenhos estão presentes na vida do ser humano há muitos anos. Tem-se os primeiros registros através do que conhecemos hoje como Arte Rupestre (pintura feita nas rochas de cavernas a partir de pigmentos naturais). O que atualmente consolida-se como fonte-histórica, na Pré-História possuía uma grande função social. Os homens primitivos buscavam registrar acontecimentos do cotidiano, marcando períodos e estações para caças, coletas entre outras atividades do dia a dia. Entretanto, devido ainda não terem a linguagem oral consolidada para efetivar a comunicação oral, a utilização dessa manifestação artística tornou-se a linguagem dos povos da época. Com o passar dos anos, esses desenhos foram se aprimorando e de acordo com cada sociedade foram se constituindo em símbolos, e, posteriormente, letras, que passaram a representar os sons da fala, como conhecemos hoje, no Brasil, com o alfabeto.

Meredieu (2000) relata a percepção de vários autores quanto a evolução do desenho, dentre eles William Preyer, que estuda as manifestações gráficas dos bebês, abordando que elas aparecem antes do andar. Ao refletir sobre isso, entende-se por rabisco “movimento oscilante, depois giratório, determinado na origem por um gesto em flexão que lhe dá sentido centrípeto, oposto aos ponteiros de um relógio” (p.24), assim, é possível considerá-lo como uma prática inata do ser humano, mas que, mediante as estimulações do espaço aos quais o



UNIFAFIBE
ESTRUTURA PARA TODA VIDA

Cadernos de Educação: ensino e sociedade, v. 8, n. 1 — maio de 2024, ISSN: 2357-9358

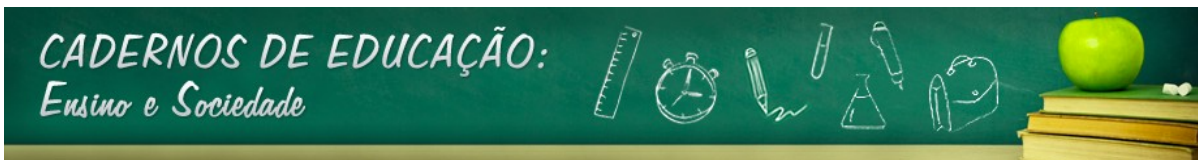
SEÇÃO: Artigos

indivíduo é inserido, ele possui a capacidade de ir se transformando até constituir o estágio do Realismo Visual (Luquet, 1969 *apud* Meredieu, 2006) que representa o objeto real através do conhecimento intelectual que se possui dele.

Brandão e Rosa (2010), afirmam que “é consenso nas sociedades contemporâneas que ler e escrever constituem um patrimônio cultural que deve ser disponibilizado a todos” (p.7) e ainda que “a alfabetização na perspectiva do letramento é uma abordagem possível e desejável na Educação Infantil” (p.12), dessa forma, ao analisarmos o papel da Educação Infantil, não buscamos enfatizar que ela se torne um espaço que formará um sujeito que domine associações grafofônicas, através de atividades de cópias e memorizações, mas que, ao contrário, compreenda a construção da escrita através da prática pioneira em sua vida (desenho), sendo estimulado a ler e escrever com significado na educação Infantil (2011), pautando-se na perspectiva sociointeracionista de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), dando ênfase ao processo de construção e apropriação do Sistema de Escrita Alfabético, sendo esse o foco da pesquisa.

Ao refletir sobre as práticas empregadas pelos docentes no ambiente da educação infantil para o desenvolvimento de habilidades preditoras para a aquisição da escrita, Brandão e Rosa (2010) ainda defendem a necessidade de planejar atividades que contribuam para a alfabetização na perspectiva do letramento e propõe como sugestão de atividades para esse feito “atividades e jogos que estimulam a discriminação perceptual e coordenação visomotora” (p.29), pois consideram que é preciso controlar a pressão do traçado no papel ou o tamanho deste para construir as letras, e em paralelo com a evolução do desenho, percebe-se que esses requisitos são construídos, estimulados e aprimorados durante as práticas artística, em consonância com os campos de experiências propostos pela Base Nacional Comum Curricular (2017). Por essa razão, considera-se de extrema relevância que todas essas práticas se desenvolvam na perspectiva do letramento. Por letramento, Soares (2005) define sendo “o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos do uso da língua em práticas sociais e necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita” (p.49).

Ademais, considerando que o desenho se torna uma prática muito requisitada e prazerosa pelos alunos, ao utilizar-se dele como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem, muitas outras habilidades podem ser desenvolvidas, além das motoras, um



UNIFAFIBE
ESTRUTURA PARA TODA VIDA

Cadernos de Educação: ensino e sociedade, v. 8, n. 1 — maio de 2024, ISSN: 2357-9358

SEÇÃO: Artigos

trabalho de estimulação cognitiva que também influenciará na formação da escrita e na ampliação do repertório oral ocorrerá.

Portanto, ao se apropriar das práticas da ilustração, o docente contribuirá com estímulos na imaginação para a construção de novas produções; podendo propor o reconhecimento, comparação, diferenciação e construção de formas, através de inúmeros instrumentos pedagógicos e que posteriormente irão refletir na distinção entre as letras do alfabeto, sua forma e situação a ser utilizada.

Neste contexto, o presente trabalho se torna relevante por fazer compreender nas situações práticas a visão de professoras atuantes na Educação Infantil sobre as relações e influências positivas no trabalho com a prática do desenho objetivando a futura construção da escrita. Sendo objetivo também investigar como os docentes planejam sua prática pedagógica na utilização de atividades com o desenho, visando o desenvolvimento intencional do aluno na Educação Infantil, bem como identificar quais habilidades o uso do desenho desenvolve nos alunos e analisar como a relação entre desenho e escrita são compreendidas no contexto acadêmico, a partir da leitura referencial teórico.

Para alcançar esses objetivos, pauta-se na concepção teórica de Pillar (2012) que defende que “existe uma estreita relação entre as construções do desenho e da escrita, com interação entre elas” (p.17), confirmando a hipótese do estudo. Busca-se a compreensão dele no cotidiano escolar, e, por essa razão, consideramos indispensável o trabalho desses recursos na Educação Infantil, visando o desenvolvimento das habilidades necessárias para a construção de novos saberes que surgirão posteriormente.

Considerando os estudos de pesquisadores na área artística, nos sustentamos em Meredieu (2000) que trabalha com a evolução do desenho infantil, tendo como referência as fases do desenho na perspectiva de Luquet (1969). Em consonância a isso, ao refletir sobre teorias do sistema de escrita, Pillar (2012, p.14) relata que as crianças alfabetizadas apresentam maior elaboração em seus desenhos, confirmando assim a relação entre ambas as práticas.

Partindo desses pressupostos, confirma-se as seguintes hipóteses: o ensino do desenho é capaz de desenvolver habilidades motoras que auxiliarão no desempenho do aluno durante seu contato com a produção escrita; a importância de estimular as práticas do desenho de



forma reflexiva e intencional, visto que as garatujas são a primeira forma de manifestação do indivíduo com a escrita, e, essa, sendo estimulada de forma precisa desde a Educação Infantil, poderão garantir aprendizagens que contribuirão durante o processo de escrita.

Diante desse cenário, surgem nossas questões-problemas, que direcionam todo o processo de investigação: “Como as práticas do desenho podem influenciar positivamente no processo de aquisição da escrita? Quais as contribuições que o desenho pode proporcionar ao aluno considerando a fase de alfabetização? Quais habilidades a prática artística do desenho desenvolve nos alunos? Como os professores percebem essa influência?”.

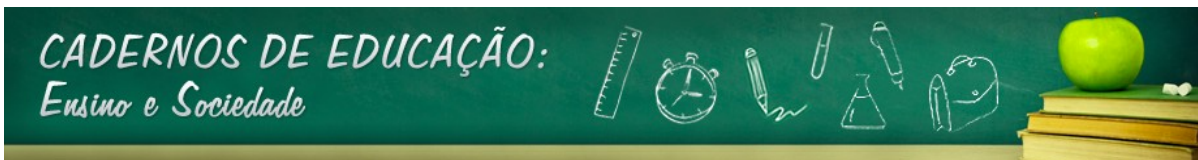
Partindo dessas reflexões e tendo em vista o objetivo principal do estudo, foi possível ressaltar a relevância do estímulo da prática do desenho na Educação Infantil como ferramenta fundamental para o desenvolvimento de habilidades preditoras enquanto precursor da escrita. Logo, para discorrer sobre a temática, esse trabalho foi dividido nas seguintes seções: a história do desenho e sua relação com o desenvolvimento da escrita; o processo de Alfabetização e sua relação com o desenho; Alfabetização na Educação Infantil: a relevância das habilidades preditoras e o lugar do desenho; as contribuições das Artes Visuais na alfabetização: relação entre escrita e desenho; e, Resultados da pesquisa de campo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A história do desenho e sua relação com o desenvolvimento da escrita

O desenho surge no período pré-histórico, devido a necessidade dos homens primitivos em registrar os acontecimentos da vida cotidiana, como pretensões e estratégias para caça, entretanto, a manifestação artística assume função principal na comunicação entre os povos. Ele foi o marco da primeira linguagem humana, que ao ser evoluída e transformada em símbolos representacionais, marca o fenômeno principal que difere os sujeitos dos animais.

Ao refletir sobre a definição de desenho, é possível pensá-lo em diferentes perspectivas. Moreira (2005) define o desenho como “o traço no papel ou em qualquer superfície, mas também a maneira como a criança concebe seu espaço de jogo com materiais de que dispõe” (p.16). Nesse sentido, Pillar (2012) também expõe que “desenho é o trabalho



UNIFAFIBE
ESTRUTURA PARA TODA VIDA

Cadernos de Educação: ensino e sociedade, v. 8, n. 1 — maio de 2024, ISSN: 2357-9358

SEÇÃO: Artigos

gráfico da criança que não é resultado de uma cópia, mas da construção e da interpretação que ela faz dos objetos, num contexto sociocultural e em uma época” (p.39).

Através dessas definições, pode-se compreender o desenho como algo intrínseco do ser humano, direcionado a várias vertentes, mas, sobretudo, como gesto de expressão que concretiza ideias, gera prazer e amplia pensamentos. Esse ato inicia-se na infância e é empregado de diferentes maneiras na vida do sujeito até a fase adulta, entretanto, vai se perdendo ao longo dos anos por deixar suas funções destinadas somente ao lazer. Desenhar e rabiscar, constantemente, podem ser ações comparadas, mas requer certa reflexão. O rabisco feito ao acaso que expressa somente o ato motor sem uma construção mental de um produto final se torna diferente do ato reflexivo de planejar uma construção e interpretá-la através dos traçados.

Existe uma gama de possibilidades e ferramentas para a produção dos desenhos, ora em materiais estruturados (folhas, cadernos, telas, etc.) ora em materiais não estruturados, que fazem parte do contexto cotidiano do ser humano, abrangendo elementos da natureza ou recursos do espaço. Desde que haja intenção em produzir, um graveto na mão frente a uma superfície de areia se torna um espaço para interpretar o mundo, expor sentimentos, construir e transpor ideias.

Meredieu (2006) ao basear seus estudos na perspectiva de Luquet (1969) relata que o desenho por muito tempo foi visto como uma série de etapas para preparar para a vida adulta e complementa:

[...] isso explica porque um estudo sobre o desenho infantil não possa remontar longe no tempo. Produto caro, o papel foi durante muito tempo reservado para o uso mais rentável; a criança não podia dispor dele livremente e tinha que se contentar com suportes mais efêmeros como areia (...) o tamanho das folhas de papel também contribui para a liberação da expressão infantil (Meredieu, 2006, p.4).

Refletindo sobre esse pensamento, sabe-se que as crianças por milênios ficaram somente à mercê da sociedade. Vistas como uma miniatura do adulto, as sociedades não reconheciam a importância do seu desenvolvimento, suas necessidades individuais para novos estímulos e sua relevância social. Porém, também não se pensava na oferta de materiais não estruturados intencionalmente ou de outros recursos para valorizar e estimular o sujeito, mas que, atualmente, as escolas passam a resgatar. Contudo, ao inovar nos recursos é possível o



despertar de um desenvolvimento criativo e imaginativo ainda maior, pois, colocando-as em uma situação de novas produções, desconstrói-se os padrões existentes e amplia-se as oportunidades de aprendizagem. Desde que se tenha intencionalidade e construa-se uma magia na ação, uma calçada e um pedaço de tijolo tornarão um campo fértil para a criança.

Ao pensar sobre isso, observa-se a transformação que as legislações infantis trouxeram na consideração da criança enquanto sujeito com direitos e deveres, pois assim, é assegurado o ato de brincar (fundamental no crescimento, amadurecimento e transição das crianças nas etapas de seu desenvolvimento). Moreira (2005) expõe que “desenhando, cria em torno de si um espaço de jogo, silencioso e concentrado ao ruidoso seguido de comentários e canções, mas sempre um espaço de criação. Lúdico. A criança desenha para brincar”.

A autora ao defender o desenho enquanto linguagem infantil, associa-o ao gesto ou à fala, assim como os primitivos a utilizavam. Dessa forma, ela destaca que a criança ao desenhar, utiliza desse recurso para falar e registrar sua fala. Mas, é importante pensar que isso implicará nos estímulos e influências que ela receberá do meio ao qual está inserida, sendo essa a reflexão primária desta pesquisa, a relação entre o desenho e a comunicação, essencialmente, escrita, e a forma como essas ações são construídas.

Após a consolidação dos símbolos enquanto instrumento de comunicação, as sociedades passaram a explorar novas formas para se expressar, dessa forma, agregando sentidos específicos aos desenhos antes criados e consolidando regras para a ordenação e sequenciação destes para a construção da linguagem escrita. Porém, o significado de cada símbolo passa a se alterar de acordo com a representação de cada sociedade. Segundo Piaget (1978, p 27 *apud* Pillar 2012):

[...] use o termo "representação" em dois sentidos muito diferentes: num sentido mais amplo, a representação é confundida com o pensamento, ou seja, com toda inteligência que se apoia num sistema de conceitos; num sentido mais estrito, reduz-se à imagem mental, isto é, às lembranças simbólicas de realidades ausentes.

Ao refletir sobre o surgimento da escrita, é de conhecimento que os povos sumérios, por volta de 3500 anos a.C, na Mesopotâmia, consolidaram a primeira representação gráfica, denominada escrita cuneiforme. Diferente do que se conhece atualmente, os registros eram feitos em peças de argila através de uma cunha (instrumento pontiagudo para riscar a argila), mas, posteriormente, foi se percebendo novos recursos para essa construção, entre eles:



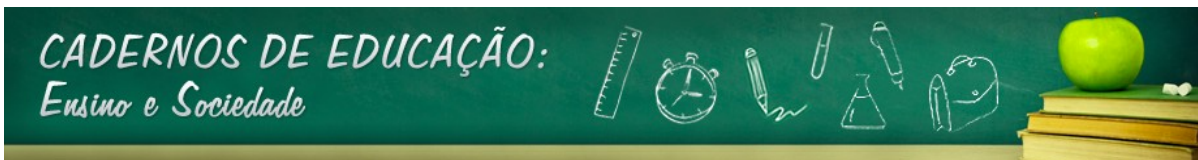
rochas, barro, cascas de árvores e outros instrumentos naturais (UFMG, 2020). Assim como muitos outros fatores da sociedade, escrever não era uma ação livre a todas os povos das civilizações, essa tarefa era restrita às classes dominantes, gerando conseqüentemente uma desigualdade de oportunidades e acesso aos demais povos, pois, por algumas vezes, não conhecer o significado pleno que um símbolo pode representar, o sujeito torna-se exposto a injustiças.

Orientados por um surgimento histórico próximo, a escrita, assim como o desenho, marca a plenitude da vida em sociedade. Apesar de ter como principal função informar ao transpor mensagens, através desse encontro, é possível encontrar recursos de entretenimento como nas leituras para deleite.

Pensar na escrita somente como a transposição de ideias orais para uma superfície composta por símbolos, torna-se equivocado, pois, esse processo requer o conhecimento da grafia, fonologia, adequações semânticas, gramaticais e ortográficas de cada organização social.

Construiu-se ao longo do tempo uma preocupação com a adequação da fala, seja ela formal ou informal, dessa forma, o mesmo ocorreu com a escrita, pois ao pensar que para escrever basta-se codificar os sons orais, o sujeito se submeterá a alguns equívocos, entre eles a ausência de coerência, coesão e limitação entre as sentenças para que transpareça ao receptor clareza na mensagem. Outro fator importantíssimo no que diz respeito a fala perpassa pelas entonações, pois, através dela é possível obter a coesão do sentido em que cada oração é dita, sendo assim, ao escrever um texto, o ser humano se torna ainda mais perspicaz ao criar os sinais de pontuação, pois é a partir deles que será possível compreender esse fator predominante em um contexto escrito.

Portanto, esse aprendizado deve ocorrer de forma que os alunos aprendam através do letramento, ou seja, a aprendizagem deve acontecer permitindo que os alunos compreendam a função social dos textos contextualizados a um cenário significativo e condizente com o aprendizado. Logo, presume-se o trabalho com diversos textos da vida cotidiana, como receitas, listas de compras, manuais, propagandas, placas de sinalização, etc. desde a Educação Infantil.



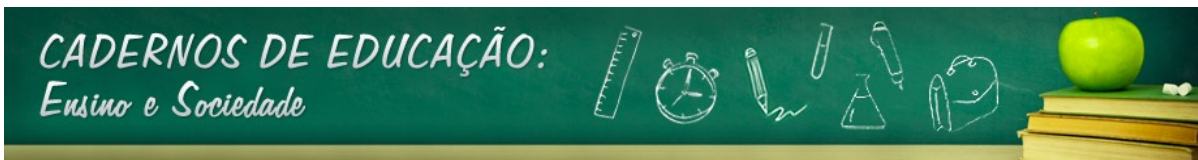
2.2 O processo de Alfabetização e sua relação com o desenho

É consenso social que ler e escrever consolida a plenitude humana no cotidiano em sociedade. Pessoas que não adquiriram essas habilidades, certamente, irão enfrentar muitos impasses ao se relacionar e conviver com os demais, e, logo, terão sua autonomia bloqueada, pois conseqüentemente, se tornam dependentes de um outro sujeito até mesmo para responder por si. Considerando que a cultura letrada está inserida em todas as sociedades, é necessário pensar no ensino dela nos vários modelos de educação, seja familiar ou institucional. Por isso a importância do desenvolvimento pleno da competência leitora e escritora.

Aprender a ler e escrever, corriqueiramente, tornam-se os termos que definem o processo de alfabetização. Ademais, esse processo não se resume nas simples decodificações, pois, quando isso ocorre, o sujeito não se torna um alfabético pleno, pois seu ato de ler e escrever será ainda mecânico e engessado, inibindo as possibilidades de ampliar seu repertório e compreensão textual. Alfabetizar um indivíduo é um processo complexo permeado por influências internas e externas. Cada um possui um processo de pensamento distinto e, conseqüentemente, uma forma de aprender diferente. Assim como, o meio no qual o sujeito está inserido, as situações de aprendizagem e experiências que serão oferecidas a ele, irão interferir diretamente em sua aprendizagem. Dessa forma, em uma sala de aula alfabetizadora, o educador necessita da perspicácia ao articular um trabalho constante e significativo visando atender pontualmente às necessidades de seus alunos para uma formação plena, conseqüentemente, a escola tem o papel de organizar seu currículo visando esse objetivo,

Teberosky (1999) ao refletir sobre a consolidação do processo de alfabetização, enfatiza, de fato, a existência de aptidões e habilidades prévias para que o sujeito aprenda a ler e escrever sem dificuldade, sendo assim destaca a “lateralização espacial, discriminação visual, discriminação auditiva, coordenação visomotora, boa articulação, etc.” (Teberosky, 1999, p.28), o que nos remete à importância dos saberes provenientes das práticas pedagógicas em torno do desenho desde a Educação Infantil.

Concorda-se que o processo de aquisição da escrita é complexo e extenso, já que alfabetizar um sujeito demandará a articulação de várias habilidades prévias, sendo elas motoras e orais (fonológicas), até que se construa um repertório pleno através das



experiências vivenciadas, por essa razão, defendemos que desde a Educação Infantil seja proporcionado aos discentes experiências nas práticas do letramento através do brincar. Brandão e Rosa (2010, p.8) consideram necessário propor um trabalho de leitura desde a educação infantil, mas, inferem que:

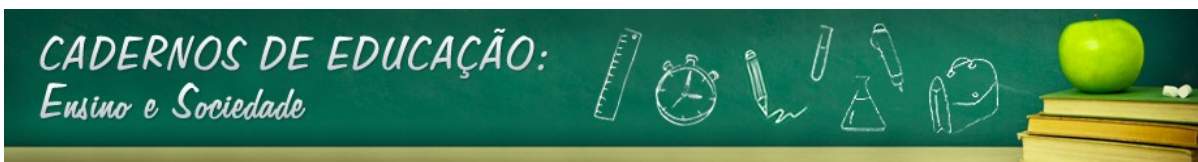
Essa aprendizagem deve estar em consonância com os interesses e os desejos infantis, de modo que as situações de leitura e escrita propostas assegurem às crianças o prazer de agir por meio desses recursos da nossa cultura, sem ferir, ao mesmo tempo, seu direito de aprender brincando.

Esse pensamento se torna coerente com o previsto pelos eixos estruturantes ao processo de desenvolvimento humano no espaço escolar da Educação Infantil, afirmado pela BNCC (2018), com destaque para a interação e a brincadeira. Dessa forma, torna-se de extrema relevância o trabalho da Educação Infantil, de forma descentralizada a um processo impositivo de atividades de ler e escrever em sua plenitude, mas na elaboração de planos condizentes com a implementação de habilidades que promovam o futuro desenvolvimento da leitura e da escrita por meio do brincar pautando-se no trabalho com os campos de experiências, sobretudo “Traços, sons, cores e formas” e “Escuta, fala, pensamento e imaginação” (BNCC, 2018).

A presença do desenho no ambiente escolar infantil será um grande aliado por desenvolver a psicomotricidade, as funções executivas especialmente a atenção (memória de trabalho), o controle inibitório e a flexibilidade cognitiva, bem como estimular a expressão de ideias, o ato consciente do poder da representação, o aguçar dos sentidos quanto a percepção minuciosa dos trabalhos, o domínio dos espaços a serem usados, as formas a serem empregadas no desenvolvimento de habilidades motoras finas, entre outros quesitos já mencionadas.

2.3 A alfabetização na Educação Infantil: a relevância das habilidades preditoras e o lugar do desenho

Ao propor que a alfabetização ocorra num contexto das práticas sociais, visando, sobretudo, a garantia do direito da criança de aprender através da brincadeira, Brandão e Rosa (2010, p. 13), se manifestam em detrimento da forma como essa articulação pedagógica deve ocorrer, iniciando desde a Educação Infantil. Sendo assim, em seus estudos, relatam que:



Defendemos o espaço da linguagem escrita, ao lado das outras tantas linguagens (plástica, corporal, musical, de faz de conta) em que os meninos e meninas podem se expressar e se desenvolver, conforme destaca o educador italiano Malaguzzi (1999).

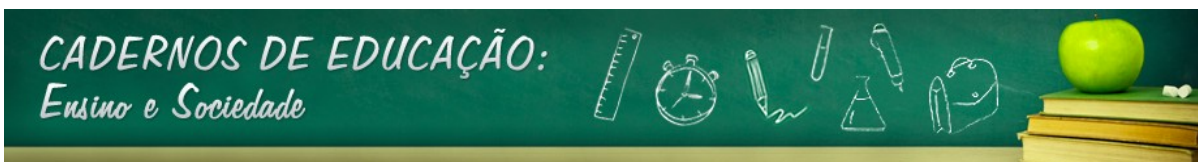
Dessa forma, se torna indispensável que os educadores pensem nas possibilidades de desenvolver habilidades preditoras, ou seja, habilidades que antecedem e preparam o aluno para a alfabetização, empregando a essa etapa da educação uma oportunidade de desenvolvimento integral dos alunos em seus amplos sentidos, no envolvimento e na estimulação constante do pensamento lógico, em questões psicomotoras envolvendo a lateralidade e a noção espacial, e, sobretudo, habilidades manuais de coordenação motora fina e da oralidade que se tornam possíveis através dos campos de experiências.

Brandão e Rosa (2010), ao discutirem sobre os “caminhos para o trabalho com a linguagem escrita nas salas de Educação Infantil”, citam três reflexões que para pensar esse trabalho, denominadas de “caminhos”, sendo o primeiro “a obrigação da alfabetização”, o segundo “o letramento sem letras” e o último “ler e escrever com significado na Educação Infantil” (p.16 a 21). Ao indicarem os três caminhos para a ação pedagógica, elas pontuam de forma crítica a insuficiência e a invalidade do primeiro ao relatarem que o processo de ensino-aprendizagem ocorrerá através da obrigação, da memorização das relações grafofônicas e das cópias repentinas de textos e palavras. Pode-se também compreender o desenvolvimento de habilidades motoras preditoras para futuras aquisições escritas nessa perspectiva por meio do treinamento perceptual e motor, numa perspectiva tradicional de inúmeros tracejados, que podem ser substituídos por um trabalho planejado com o desenho.

Já no Caminho 2, busca-se uma ênfase ao desenvolvimento de outras linguagens, através do corpo, da música e da grafia, mas exclui o contato com as letras, assim, mencionam que

Nesse tipo de abordagem, portanto, a alfabetização, de modo contrário ao que propõe o caminho anterior, não é concebida como objeto do trabalho educativo, sendo, em geral, tomada como um “conteúdo escolar” e, portanto, proibido para crianças da Educação Infantil (Brandão; Rosa, 2010 p.18)

Percebe-se então dois extremos antagônicos que muitas vezes constitui o trabalho docente, pois ao ser permeado pela dúvida de trabalhar ou não com o conhecimento alfabético na Educação Infantil, muitos docentes acabam acatando formas tradicionais ou então se



UNIFAFIBE
ESTRUTURA PARA TODA VIDA

Cadernos de Educação: ensino e sociedade, v. 8, n. 1 — maio de 2024, ISSN: 2357-9358

SEÇÃO: Artigos

abstendo integralmente deles e deixando de aproveitar oportunidades essenciais com capacidades transformadoras na vida dos alunos.

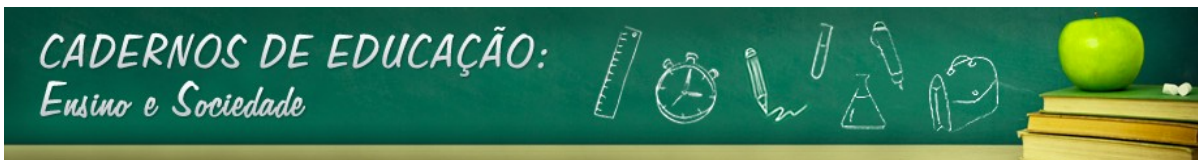
Assim, elas encontram equilíbrio e coerência no processo ao propor o caminho 3, pautado no ensino através da perspectiva sociointeracionista de Ferreiro e Teberosky (1999), indicando que o trabalho deve ocorrer de forma a oportunizar situações que exemplifiquem o processo de leitura e escrita para que estimulem os alunos, permitindo comparar e distinguir as letras dos desenhos e compreender e criar marcas assim como no momento da grafia.

Antes que uma criança seja condicionada a ler e, principalmente, escrever, ela precisa ter a plena consciência de como manipular os recursos gráficos para essa construção e desenvolver uma precisão para a efetivação plena desse feito, além, de agregar significado às suas ações, gestos e produções, principalmente, denominando-as e compreendendo sua importância dentro do contexto. Mas, o que muitas vezes acontece, é que essas práticas se perdem pela forte presença de um ensino tradicional, que visa mecanização e repetição das aprendizagens diante as propostas de traçados infinitos que não surte efeito significativo nos desenvolvimentos que se propõe, por isso, é fundamental a autorreflexão diária do trabalho docente.

E é nesse momento que a Educação Infantil se torna responsável em proporcionar situações de aprendizagem dentro de um espaço alfabetizador para que os alunos desenvolvam tanto a coordenação motora, como a oralidade, através do desenho, do conto, reconto e criação de histórias, situações comunicativas entre os pares e comunidade, vivenciando integralmente situações comunicativas nos diversos contextos sociais,

Quando se volta o olhar nas contribuições das Artes Visuais para a alfabetização, considerando o trabalho da Educação Infantil, predomina-se o campo de experiência “Traços, sons, cores e formas”, devido este ser composto por um arranjo de habilidades que abordam a interação e a construção/prática com as atividades artísticas, a livre expressão, a sensibilidade, a criatividade, senso estético e crítico. Assim sendo, destaca-se como objetivos previstos:

Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras (Brasil, 2018, p. 41).



UNIFAFIBE
ESTRUTURA PARA TODA VIDA

Cadernos de Educação: ensino e sociedade, v. 8, n. 1 — maio de 2024, ISSN: 2357-9358

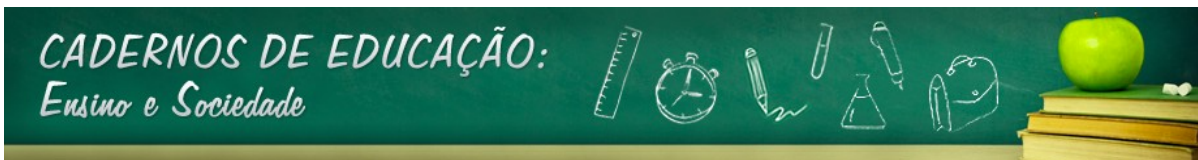
SEÇÃO: Artigos

Dessa maneira, dentre tantas possibilidades para desenvolver o conhecimento artístico, sabe-se que uma das práticas mais corriqueiras no universo infantil é o ato de desenhar, na maioria das vezes, livremente e, infelizmente, como forma de preencher a jornada de trabalho docente. Porém, pouco se reconhece a gama de possibilidades que essa prática pode beneficiar o desenvolvimento escritor do sujeito quando desenvolvida de forma intencional.

Lavelberg (2006) ao mencionar algumas teorias sobre a prática do desenho infantil numa perspectiva simplesmente espontânea, apresenta uma crítica ao segmento ao pontuar que, considerando a alfabetização, observa-se práticas que “adestram a mão e desvia atenção dos educadores da prática do desenho” (p.49). Já para Pillar (2012) a prática da aprendizagem do desenho é realizada como um exercício de cópia puramente mecânico em que o sujeito registra graficamente o que observa sem interpretar. E segundo a autora, é justamente no desenvolvimento da capacidade de interpretar que o processo de alfabetização futura será desenvolvido, pois defende que a “representação é a condição básica para o pensamento existir, uma vez que, sem ela, não há pensamento, só inteligência puramente vivida como no nível sensorio motor (Pillar, 2012, p.34).

O desenho é um importante instrumento para o desenvolvimento do sujeito em diversos aspectos, sejam eles físico, psíquicos, emocionais, comunicativos e também motor. Ainda, de acordo com estudos de Meredieu (2000), o autor relata que “tudo o que diz respeito a criança atua sobre a evolução dos signos da linguagem plástica” (p.18). E é nesse momento que a Educação Infantil se faz necessária em compreender as necessidades de desenvolvimento das crianças e prepará-las integralmente, sobretudo, com práticas que garantam seus direitos de aprendizagem. Ele ainda expõe que “dotada de prestígio por ser secreta, a escrita exerce uma verdadeira fascinação sobre a criança “(p.10) e ainda “muito cedo ela tenta imitar a escrita dos adultos (...) entre os 3 ou 4 anos” (Meredieu, 2000, p.10).

Por meio dessas ações, os alunos, ao criarem seus desenhos e serem estimulados a agregar um sentido a eles – ação intencional no trabalho com essa prática artística mesmo em situações livres- surgirá então a construção do pensamento simbólico. Ademais, para além disso, a consciência corporal no controle motor fino ao manipular diversos materiais, como antes mencionados, será o ponto de partida para o uso de recursos gráficos para escrever. Assim, com o decorrer do tempo e com a evolução dos desenhos, a escrita perpassa o



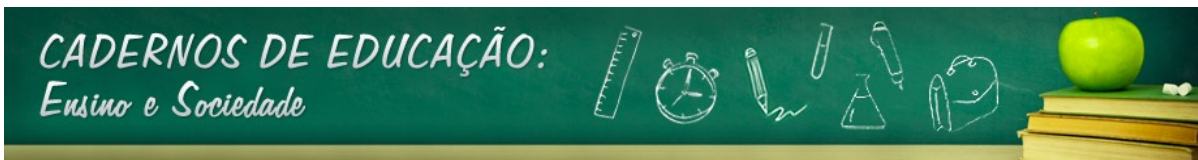
cotidiano infantil e naturalmente as crianças passam a refletir sobre a necessidade de desvincular a formação das letras dos demais desenhos, passando a construir sua escrita de forma intencional e controlada. E, é preciso também destacar a relação entre ambas as práticas (desenho e a escrita), visto que, conforme ocorre a evolução nos desenhos, conseqüentemente, a escrita passa a ser aperfeiçoada e vice-versa, sendo este o próximo tema abordado nesta pesquisa.

3 AS CONTRIBUIÇÕES DAS ARTES VISUAIS NA ALFABETIZAÇÃO: RELAÇÃO ENTRE ESCRITA E DESENHO

Ao propor uma análise sobre a conquista da linguagem artística, em especial, da aprendizagem em desenhar, Meredieu (2000) relata que o desenho infantil passará por um processo de desenvolvimento contínuo no qual irá aumentando seu grau de complexidade gradativamente, perpassando inicialmente pela aprendizagem das figuras geométricas planas comuns no contexto infantil (círculo, quadrado e triângulo) até que, partindo destas, vão se constituindo novas formas como abóboras, funis e outros signos que irão compor o vocabulário infantil (p.15). Iavelberg (2006) também descreve esse desenvolvimento gradativo em seus estudos e passa a denominar essa evolução figurativa em “Desenho de Imaginação I” justamente por surgir do pensamento como ato de expressão do mundo e que ao ser evoluído atinge a “Imaginação II” (p.66), onde os símbolos passam a ser articulados com imagens narrativas, pressupondo então um marco crucial para a compreensão e estimulação de habilidades preditoras para a alfabetização.

Pensar nessa evolução concreta do desenho também nos faz refletir sobre o desenvolvimento cognitivo do ser humano e sua forma de compreender e expressar-se sobre o mundo ao qual faz parte em cada etapa do seu processo de desenvolvimento e inferir estímulos gradativos em seu aspecto de complexidade para que vá se atingindo novas aprendizagens. Iavelberg (2006, p. 66) relata que:

Para a criança bem pequena, desenhar é rabiscar, explorar movimentos e modos de plantá-los no papel, agir sobre uma superfície e produzir algo para ser visto é o motor deste momento conceitual (...) a criança está interessada em realizar movimentos e ver o que faz enquanto desenha (...) o desenho para ela é ação (física e reflexiva que produz algo para ser visto).



Além disso, ela propõe que o desenho aos poucos vá deixando de ser gesto e vá sendo coordenado com o olhar e o equilíbrio do corpo todo, e é justamente essa coordenação que se busca durante o trabalho com as Artes Visuais no cenário infantil através da articulação de práticas de modelagem, pintura, escultura, fotografias, e, sobretudo, do desenho, buscando a construção de uma bagagem de propostas essenciais e pontuais para que a evolução do desenho possa contribuir com a aquisição da alfabetização, sobretudo, no aspecto da aquisição escrita.

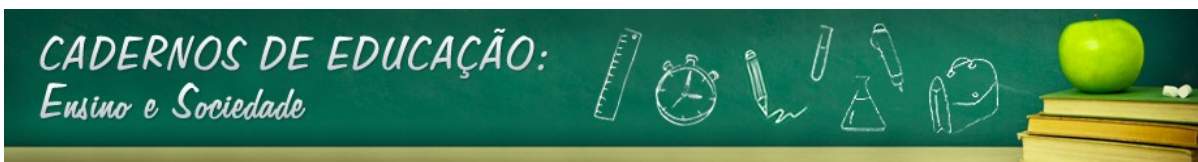
Pensar na perspicácia humana em criar alternativas para se comunicar nos faz refletir sobre outros instrumentos utilizados para essa manifestação, no caso das reflexões deste estudo, o desenho se torna a peça fundamental na comunicação. Moreira (2005) considera o desenho como a primeira escrita da criança e menciona que “[...] o desenho é para a criança uma linguagem como o gesto ou a fala” e ainda que “a criança desenha para falar e poder registrar sua fala, para escrever (...) para deixar sua marca, antes de aprender a escrever a criança se serve do desenho” (p.20). Partindo disso, presume-se o desenho como precursor da escrita, e pode-se afirmar que ele é um instrumento indispensável e muito presente nas atividades da Educação Infantil, ora em atividades livres, visto ser uma atividade de preferência dos alunos, ora em práticas dirigidas pelos docentes.

Compreender a relação entre o desenho e a escrita justifica-se ao considerar ambos como formas de representação original e perceptiva, e, considerando o contexto do surgimento histórico de ambos, verifica-se o desenho como precursor do processo de escrita. Dessa maneira, Pillar (2012, p. 37) ressalta que:

Tratar o desenho e a escrita como sistema de representação gráfica implica considerar do ponto de vista da criança que aprende, sua produção e interpretação como atividades complementares que fazem parte dessa reconstrução do sistema.

Portanto, torna-se evidente a relação dependente entre o desenho e a escrita, sendo o primeiro primordial para a excelência da construção do outro tanto no aspecto gráfico quanto de construção mental. Dessa maneira, Pillar (2012, p.17) ainda ressalta que:

Pode-se constatar, portanto, que a construção da escrita é consequente à do desenho, daí a precedência do desenho sobre a escrita. Isso explica por que as crianças



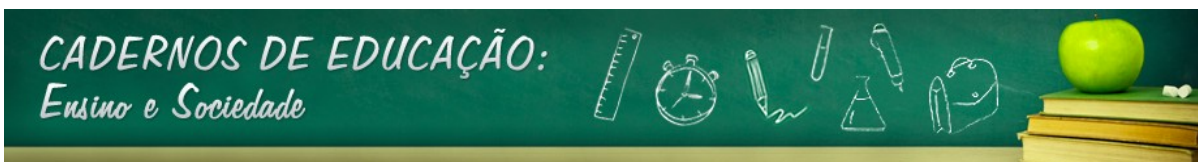
conseguem construir o sistema de escrita estando tão somente nos estágios finais do desenho.

O trabalho com as Artes Visuais se torna pontual no que diz respeito a ser precursor na aquisição da escrita, pois espera-se que mediante a ela motive o desenvolvimento da criatividade, aspecto fundamental para o desempenho de inúmeras outras funções. Um ser criativo possui a perspicácia de pensar para além do que é de seu conhecimento, propõe soluções para impasses com mais sagacidade, criando e automaticamente expondo através de diferentes linguagens suas percepções, e, assim, é possível fazer um paralelo reflexivo sobre a relevância e a influência desses estímulos na aprendizagem dos alunos.

Portanto, além das habilidades antes mencionadas, o desenho, sobretudo, carrega grande influência da criatividade ao instigar e propiciar a motivação, percepção e comunicação humana. Esse é um aspecto fundamental na futura aquisição da escrita, pois ao refletirmos sobre essa ação é possível ter em mente que para aprender e permanecer escrevendo com excelência, o sujeito precisa ter intrínseco em si todos esses pontos.

4 METODOLOGIA

A presente pesquisa trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, que perpassa por uma pesquisa de campo, sendo contextualizada por momentos bibliográficos com autores relevantes ao tema como Meredieu (2000), Pillar (2012), Ferreiro e Teberosky (1999). Com base nisso, foi possível analisar as práticas docentes e aprofundar nas teorias do tema de estudo chegando às respostas do problema que motiva o desenvolvimento da pesquisa. Os dados foram coletados por meio de entrevista com roteiro semiestruturado que contextualiza a prática docente na Educação Infantil. Composta por 20 questões, os questionamentos foram divididos nas seguintes categorias: formação do profissional; ações pedagógicas visando o trabalho do desenho como precursor da escrita e observação de práticas já utilizadas de acordo com o objetivo do estudo. Foram entrevistadas duas professoras da Educação Infantil que trabalham com crianças de 4 a 6 anos. Posteriormente, foi realizada a tabulação, sistematização e interpretação dos dados, sob luz do referencial teórico considerando os livros, artigos científicos, documentação de legislação e a visão dos



pesquisadores. Os dados foram analisados a partir da reflexão sobre as respostas das docentes na entrevista considerando a relação destas com o estudo bibliográfico e demonstração de práticas que se relacionem com o tema da pesquisa. As categorias de análise são: a prática docente com o desenho na Educação Infantil, a importância da prática do desenho na Educação Infantil; a relação do desenho com a escrita.

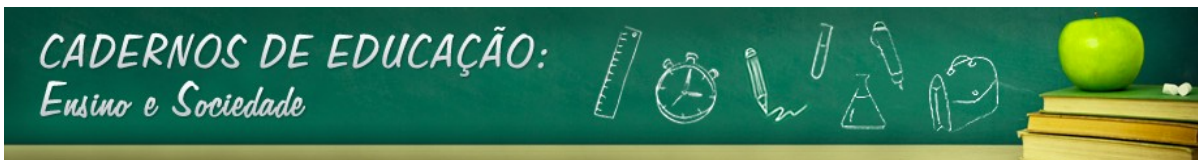
5 RESULTADOS

Para a consolidação da pesquisa de campo que está em consonância com o estudo teórico, foi realizada individualmente a entrevista com duas professoras atuantes na rede privada de ensino em um município do interior de São Paulo. Ambas as professoras têm mais de vinte anos de ofício na área da Educação, iniciando a formação em Magistério e, posteriormente, Pedagogia. A professora I atua neste ano de 2023 com crianças de 5 a 6 anos, e a professora II com alunos de 4 a 5 anos. Foi elaborado um questionário composto por vinte questões podendo ser dividido em três categorias: dados sobre a formação acadêmica e profissional, relatos sobre a experiência no trabalho com a Educação Infantil e as percepções e vivências de ambas com o trabalho das artes visuais nessa faixa-etária de ensino, dando ênfase a implementação do desenho nas práticas pedagógicas presumindo este como precursor da escrita.

Quando questionadas sobre a forma que o trabalho na Educação Infantil deve perpassar, elas relatam assim:

Professora I: O trabalho deve respeitar às singularidades e diferenças das crianças. Acredito que devemos desenvolver as habilidades de forma global para que as crianças possam se desenvolver como um todo. Ele deve estar voltado para os objetivos específicos, para a socialização das crianças, o desenvolvimento de suas capacidades motoras, o desenvolvimento da fala, à inserção ao mundo letrado, às trocas de experiências dentro e fora da escola, procurando sempre respeitar as diferenças e interesses de todos.

Professora II: Precisa de brincadeiras lúdicas que contribuam para o desenvolvimento da criança, seja social, intelectual, além da autonomia e imaginação. Atividades que permita que as crianças brinquem, explorem os lugares e objetos, que se expressem e muito mais.



Na busca em satisfazer as hipóteses propostas no estudo, questionamos às pedagogas sobre a utilidade e a frequência de atividades envolvendo as artes visuais em seu cotidiano pedagógico, elas respondem:

Professora I: Sim. Duas vezes por semana fazemos linguagem plástica e quando necessário faço uso de outras aulas para a atividade proposta.

Professora II: Trabalhamos jogos, histórias e desenhos livres semanalmente.

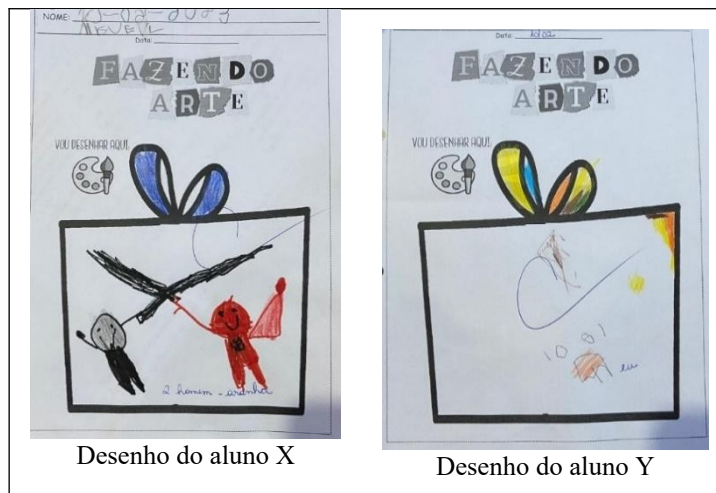
Com isso, é importante destacar que a forma como ambas veem o uso das práticas artísticas, mesmo trabalhando em uma mesma instituição, é diferente, entretanto, visam uma complementação gradual do desenvolvimento dos alunos. Ambas as professoras durante outros questionamentos, afirmaram que habilidades como a coordenação motora fina e global, orientação espacial, percepção visual e a capacidade de representação, são desenvolvidas no trabalho com as artes visuais e também se tornam fundamentais durante a Educação Infantil. Quando questionadas a refletir sobre a temática, elas afirmam que exista uma estreita relação entre o estímulo dessas habilidades enquanto preditoras da aquisição da escrita.

Perguntamos também sobre quais atividades empregadas por elas nesse segmento e obtivemos as seguintes respostas

Professora I: Tenho como exemplo atividade livre, (vou pegar para você ver, esse é um portfólio de atividades que eu trabalho com meus alunos, olhe esse desenho dessa criança, pode tirar foto se você quiser, agora veja dessa outra criança). Essa atividade tem como intuito estimular a criatividade e instigar a observação. Peço que os alunos desenhem sobre algo que acho especial para eles, as vezes direciono ou deixo livre, mas peço que não façam comentários, para que cada um possa ter a liberdade de fazer o que quiser, sem interferência. Nesse tipo de atividade, costumo me surpreender com a riqueza de detalhes das observações.

Professora II: No momento não tenho nenhum aqui. Mas eu costumo usar jogo da memória, tracejados, atividades de labirinto, dinâmicas externas, entre outras atividades.

Figura 1: Desenho do Aluno X e do Aluno Y



Fonte: Dados das autoras (2022).

Ao retomarmos o tema principal que motiva esse estudo, sendo este o desenho como precursor da escrita, foi questionada justamente a percepção delas diante a evolução do desenho de seus alunos. Meredieu (2000) ao desenvolver seus estudos sobre a evolução do desenho, aponta a perspectiva de autores como Luquet (1969), no qual expressa o processo evolutivo do desenho e que pode ser comparado ao processo de evolução da escrita. Meredieu (2000) expõe quatro fases determinadas por Luquet (1969) em relação ao desenho, sendo elas o Realismo Fortuito (em uma faixa-etária próxima aos 2 anos, apresentando os rabiscos em uma analogia entre o objeto e seu traçado, cujo a criança inicia a denominação do que produz), Realismo Fracassado (fase na qual a criança entre 3 e 4 anos descobre a identidade das formas que cria em relação aos objetos observados, fase de muitas cobranças pessoais, vivendo em constante correções das próprias produções), Realismo Intelectual (período que perpassa entre os 4 e os 12 anos, na qual a criança não desenha a partir da observação do objeto concreto, mas passa a reproduzir o abstrato, aquilo que sabe, apresenta-se também nessa fase a preocupação com a posição do plano e outros recursos como a transparência) e, por último, o Realismo Visual (a partir dos 12 anos, ou em alguns casos de forma mais precoce presente entre os 8 e 9 anos. Nesse período ocorre o fim dos desenhos infantis, dessa forma, as produções passam a ser constituídas através de leis, com percepções e detalhes adultos).

Foi questionado também às docentes se, na percepção delas, aqueles alunos que possuíam maior desempenho nos desenhos apresentavam também um início do ato de escrever mais elaborado, assim, elas respondem que

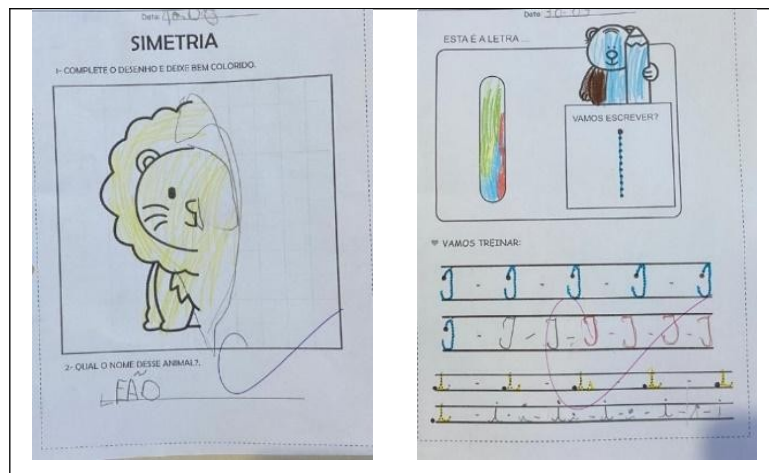
Professora I: Eu concordo plenamente. As crianças, muitas vezes ensaiam para a escrita através do desenho e, à medida que desenham vão anunciando oralmente, o texto que pretendem escrever. No início da aquisição da escrita ela utiliza-se do desenho como apoio ao seu texto. Apresenta mais significado no desenho do que no texto propriamente escrito. Os desenhos das crianças nos mostram a visão de mundo que têm e como percebem as coisas e pessoas que estão ao seu redor.” (Olha aqui esse primeiro desenho que te mostrei, essa criança escreveu essas letras dessa forma, olha como podemos perceber a desenvoltura maior que ele tem). (Agora esse outro desenho, que ainda está em processo de desenvolvimento, a mesma criança escreveu dessa forma, ela não consegue fazer sozinha, precisa de ajuda para escrever. Por isso, além de pegar na mão dela eu também peço para as minhas assistentes escreverem a mesma letra que queremos ensinar com lápis de cor para que ela veja e trace por cima com ajuda).

Professora II: Com certeza. A percepção visual e a coordenação são essenciais.

Para de fato compreender a teoria na prática, solicitamos a apresentação de alguma atividade por parte das docentes que exemplificassem a relação entre a evolução do desenho das crianças e a aquisição da escrita, visto que Pillar (2012, p. 17) afirma que “há períodos comuns à construção dos sistemas”. Entretanto, no instante da entrevista, somente a professora I esteve com um material que exemplificasse a indagação cujo já foi de grande valia para a hipótese levantada neste estudo.

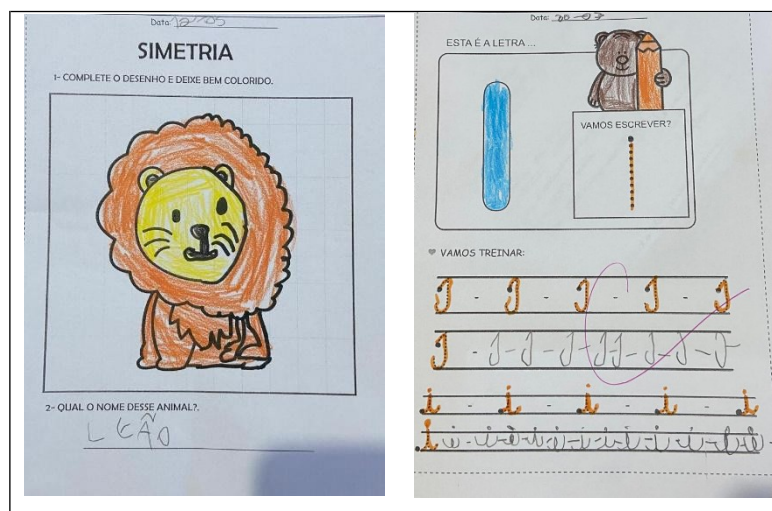
Foi apresentada pela docente não somente uma atividade artística que aborda a percepção simétrica da figura e que objetiva as habilidades predictoras para a alfabetização, como antes já proposto, entre elas a noção espacial, coordenação visomotora e fina, percepção visual e expressão e em outro momento uma atividade de exercício da grafia da vogal I em letra cursiva.

Figura 2: Desenho e escrita do Aluno Y



Fonte: Dados das autoras (2022).

Figura 3: Desenho e escrita do Aluno X

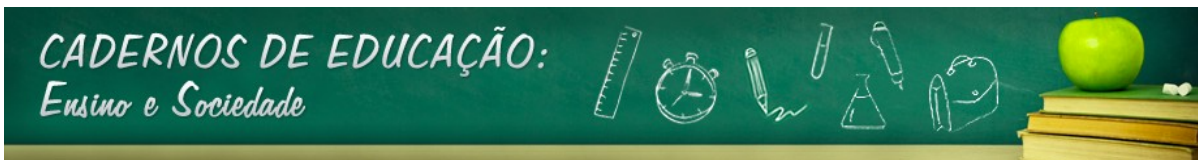


Fonte: Dados das autoras (2022).

Com isso, assim como afirmado por Pillar (2012, p. 17):

Pode-se constatar, portanto, que a construção da escrita é consequente à do desenho, daí a precedência do desenho sobre a escrita. Isso explica por que as crianças só conseguem construir o sistema de escrita estando somente nos estágios finais do desenho.

Fica visível a compreensão do objeto de estudo ao analisar minuciosamente os desenhos apresentados pela professora. A ausência de estruturação na representação da figura humana (e dos demais seres ilustrados pelos alunos) demonstram como estes estão em fases



diferentes do desenho, e, conseqüentemente, apresentando uma formação da escrita também desigual. O aluno no qual já possui uma esquematização mental da representação gráfica e consegue passar toda essa estruturação para o papel, apresenta maior facilidade com a aprendizagem das letras. Já o aluno que ainda não tem esse desenho bem estruturado, demonstra dificuldades para escrever e, logo, necessita da adaptação e alternativas singulares para a efetivação do seu aprendizado. Pode-se concluir que a sensação que transparece é que foi deixado de cumprir uma fase essencial na formação e avançado para uma mais complexa com um grau elevado de defasagens.

Ademais, propomos também que ambas as professoras refletissem se ao aplicarem uma atividade já perceberam a relação entre o desenho e a escrita e como elas perceberam isso, assim, obtivemos as seguintes respostas:

Professora I: Sim, no início da pré-alfabetização, faço uso dos desenhos, das artes no geral como apoio para adquirir base o suficiente no seu desenvolvimento. As aulas de artes são essenciais para o desenvolvimento da criança. Como disse anteriormente, através do desenho as crianças vão se expressando e adquirindo vivências para seu desenvolvimento.

Professora II: Sim. Quando peço para as crianças desenharem algo relacionado ao que foi escrito, eles criam desenhos muito curiosos. Pela forma de se expressar, alguns têm mais facilidade com o desenho e acabam tendo maior facilidade também para escrever, mas sempre me preocupo de complementar o que esteja faltando.

Por fim, concluímos que existe uma relação entre o desenvolvimento do desenho sobre a aquisição da escrita e que adequar as práticas no contexto infantil é fundamental para que o sucesso na alfabetização se efetive. Teberosky (1999, p. 93):

Entretanto, a relação entre desenho e escrita é concebida de maneira tão direta que se esperam ver representados os mesmos elementos num e noutro sistema de simbolização. Mas tanto o desenho como a escrita apelam para um componente interpretativo.

Sendo assim, é de suma importância que os profissionais da educação voltem seu olhar para a relevância de desenvolver as habilidades que antecedem o desenvolvimento da escrita, dentre as mencionadas, sobretudo, pautando-se no desenho como ferramenta primordial numa perspectiva crítica e condizente a faixa-etária do aluno, principalmente, desenvolvendo seu trabalho na perspectiva dos campos de experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na finalização desse estudo, muitas reflexões surgiram, dentre elas aspectos que levam ao segmento da pesquisa em inúmeras vertentes, como, por exemplo, da necessidade da exploração de práticas de fato pontuais, determinadas de forma reflexiva a fim de se apropriar do desenho como instrumento precursor do processo de alfabetização, garantindo a habilidade motora de excelência do aluno, estimulando e desenvolvendo conseqüentemente a criatividade e a ampliação do repertório das crianças.

Durante o contato com as docentes, muitas experiências positivas foram adquiridas, entretanto percebe-se que pouco do tempo escolar é utilizado de forma direcionada para o desenvolvimento da imaginação, expressão e da prática com as artes visuais numa perspectiva pré alfabetizadora, visto que o modelo tradicional de ensino ainda se mantém e o principal objetivo educacional torna-se ensinar a ler e escrever, algumas vezes, desconsiderando as habilidades preditoras essenciais para essa nova aquisição. Ademais, ainda não há um olhar especial voltado para as práticas artísticas no que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades e competências capazes de contribuir com a alfabetização, mas sim, utiliza-se em grande parte do tempo desse meio em situações com exercícios livres.

Com a pesquisa de campo foi possível comprovar que de fato há relação entre o desenvolvimento do desenho e da escrita, visto a apresentação de atividades propostas pela professora I na qual explicita que a criança que já possui a capacidade de representar através do desenho estruturas mentais ou objetos concretos de seu conhecimento de forma estruturada e clara, também possui maior habilidade no processo de aprendizagem da escrita.

Em síntese, percebeu-se que o desenho é capaz de estimular o desenvolvimento de inúmeras habilidades se tornando um instrumento indispensável na capacidade criativa e expressiva, no desenvolvimento da coordenação motora fina e visomotora, na ampliação do repertório oral, lateralização espacial, discriminação visual, entre outras habilidades, podendo ser consideradas preditoras do sujeito alfabetizado.

Portanto, essa pesquisa torna-se fundamental ao campo acadêmico por permitir que os educadores reflitam sobre suas práticas pedagógicas e reformule-as constantemente, a fim de



garantir que os alunos sempre estejam em contato com experiências de aprendizagem significativas e prazerosas dentro de um contexto alfabetizador na perspectiva do letramento.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Ana Carolina P.; ROSA, Ester Calland de S. **Ler e escrever na educação infantil - Discutindo práticas pedagógicas**. Grupo Autêntica, 2010. E-book. ISBN 9788582178270. Disponível em:

<<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582178270/>>. Acesso em: 28 out. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

IAVELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores**. 1.ed. Porto Alegre: Editora Zouk, 2006.

MEREDIEU, Florence. **O desenho Infantil**. 7.ed. São Paulo: Editora Cultrix LTDA, 2000.

MOREIRA, Ana Angelica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educar**. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

PILLAR, Analice D. **Desenho e Escrita como Sistemas de Representação**. Grupo A, 2012. E-book. ISBN 9788563899767. Disponível em:

<<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788563899767/>>. Acesso em: 28 out. 2022.

UFMG, Espaço do Conhecimento. **Uma breve história da escrita**. 2020. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/historia-escrita/#:~:text=Uma%20escrita%20sistemizada%20aparece%20somente,surgem%20os%20hier%C3%B3glifos%20no%20Egito..> Acesso em: 08 maio 2023.

SOARES, Magda Becker.; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização e Letramento: caderno do professor**. Belo Horizonte: Coleção Alfabetização e Letramento, 2004.

FERREIRO, Emília.; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 4ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.